



Terras Brancas Pó das Estrelas

Para Teresa Pavão
Para Teresa Ramos

O pressentimento de que somos poeira das estrelas é muito antigo, mas o conceito consolidou-se e a expressão tocou toda uma geração, depois que o autor de *Cosmos* o difundiu, já lá vão três décadas e mais. Aliás, o conceito popularizou-se de tal modo que a partir de certa altura ele se tornou inócuo e a sua irradiação semântica invisível. Pó das estrelas deu matéria para canções, grupos musicais, livros, estribilhos, e serviu de epígrafes a obras de todos os géneros. Não admira. A expressão que o reveste presta-se a entendimentos contraditórios.

Quem a escreveu era um astrofísico que a utilizou no seu sentido cosmológico, o mais orgânico possível, e contudo, ela desencadeia todo o tipo de sentidos místicos. Coloca os seres humanos como matéria intermédia, entre conjuntos infinitamente pequenos e infinitamente grandes, mas irmana-nos na ideia de que todos somos cósmicos. Abre a porta à insignificância da origem do acaso, e ao mesmo tempo sugere que, por entre o brilho dos objectos celestes, podemos inscrever as metáforas da vida humana. Isto é, não fala de nenhum deus, mas a dimensão poética da expressão é tão ampla, que não raro se lhe associam coisas antropomórficas e divinas. Foi assim que o seu sentido se foi ampliando, degenerando, e como sempre acontece, de repetido, se tornou opaco e depois invisível. De modo que, em pleno ano de 2015, eu não a invocaria, a propósito fosse do que fosse, muito menos a teria relacionado com peças de arte cerâmica. No entanto, não foi o que aconteceu. Quando tive o primeiro contacto com os objectos criados pelas duas artistas, Teresa Pavão e Teresa Ramos, elas falaram do barro, do fogo, da relação entre a terra de que somos feitos e da matéria dos astros, do tempo e da morte de que a sua arte é espelho, e tudo significava que, sem o pronunciarem, estavam a dizer que todos éramos feitos do pó das estrelas. As suas cerâmicas, pequenas oferendas brancas, a meio caminho entre paisagens terrestres e lunares, provavam-no.

Claro que elas não mo disseram propriamente assim. O que Teresa Pavão e Teresa Ramos começaram por sugerir foi alguma coisa bem mais prática e menos radical. Para ser franca, foram modestas. Disseram sentir-se ligadas em particular às Terras do Sul, e inscrever as formas das suas cerâmicas na cor das terras iluminadas pela luz clara do Meridiano. Falaram das peças que em breve iriam para o forno, e das orlas brancas das praias de onde se retira o sal. O meio ditar-lhes-ia a cor. Espuma branca, areias e dunas brancas, rendas brancas, paredes brancas, telhados de chaminés brancas e beirais brancos onde pousam as andorinhas pretas. Barcos de velas brancas seguidos por gaivotas brancas. Cidades cúbicas de platibandas

quadrangulares, varandas brancas, pátios de arcadas de paredes grossas, ossos brancos de gigantes, adormecidos durante uma longa sesta, que nunca mais se tivessem levantado. Estes eram os lugares de onde vinham e para onde iam as suas peças. Não era para oferecer ao Espaço sem limites que as autoras me disseram ter criado semelhantes objetos, mas sim, para oferecê-los à terra concreta, geográfica, assinalada nos mapas como o Sul de Espanha e o Sul de Portugal.

Teresa Pavão e Teresa Ramos foram directas. Afinal, estavam envolvidas com processos de mistura e pigmentação, materiais a que o calor graduado iria dar a cor de nácar das conchas, ou a cor de marfim dos dentes. Texturas acetinadas como de pele de criança, opalinas como cascas de ovo, gesso friável como a matéria das espinhas, ilusão aveludada de pêssego, metamorfose de rendas, de redes, de fundos de peneiras por onde terá passado uma chuva de farinha que teria produzido, ao longo do tempo, milhões de pãezinhos brancos. E cofres preciosos para joias invisíveis, relicários, tigelas atadas, guizos, recipientes de fundo fendido por onde se imagina terem fluído rios de água, de que se ouve um pingue-pingue contínuo, verde, restos de um relógio, marcas do tempo. Formas de ovo de galinha gigante. A seu lado, formas minúsculas de casas sem porta, miniaturas de zigurates, numa mudança de escala. E isso para lembrar, diziam, que no início tudo estava misturado com tudo. Os nossos objectos vivem da lembrança dessa mistura, estão na transição entre o início e o fim. Nós só fingimos suspender o processo da terra que muda, queremos estar no meio do percurso da poeira, disseram elas. Apanharmo-la no ar, em pleno movimento de translação. Por isso, nós queremos que as nossas peças digam ao tempo, Pára, tempo! Estas são as nossas oferendas para que se detenha. Mas não é isso que diz toda a obra de arte?

Teresa Ramos e Teresa Pavão tinham as mãos no barro e o sentido nos fornos quentes. A seguir, também não precisavam de explicar mas fizeram-no. Corrigiram-me. Explicaram que os seus objectos não eram objectos, já que os concebiam completamente libertos da serventia e da utilidade. Para dizer a verdade, estes objectos somos nós. Inúteis, como nós devemos ser para quem nos vê a partir do Espaço, disseram. E falaram da não serventia com a ênfase própria de quem trabalha sobre a desambiguidade de uma arte que foi servil. Estas peças são a nossa metáfora, acrescentaram. Ali, aquela almofada, em vez de representar o sono ou a morte, invoca o rosto redondo que lá não está, e assim, ninguém morreu nem dormiu. Além, o prato ornado que se transforma em disco voador, com sugestão de paisagem, só presta se servir para lembrar o nosso sonho de voo. De outro lado, a renda petrificada serve para lembrar a mão que outrora esteve no seu labor. A mão que peneirou a farinha, a que teceu a rede. E sugestões de pulsos, calcanhares, coisas orgânicas, formas bivalves, inscrições vegetais. E por quê tudo isso? Pelo esplendor da beleza gratuita, gratuita e avulsa, como a nossa vida para quem assista ao nosso nascimento e à nossa morte, olhando-nos de cima. Então, a quem se destinam estas oferendas brancas? Sejam claros. A princípio, as autoras criaram-nas para si mesmas, para se oferecerem a si próprias o esplendor dos objectos que lhes faltam e com os quais sonham, e uma vez criados, logo se tornam indispensáveis. Mas ninguém pode guardar a oferta que achou. Criam-nos, pois, para oferecer aos outros os

objectos que porventura eles terão sonhado, mas não sabiam que poderiam existir antes de os terem visto. E falaram de um estreito circuito privado, da oferta feita de pessoa a pessoa. Talvez, por isso, Teresa Pavão tenha insistido na dimensão humana das suas peças. Todas elas do tamanho de duas mãos unidas, todas elas transportáveis ao colo, todas passíveis de levar ao ombro durante uma caminhada. Uma oferta secreta que desejava fazer aos seus contemporâneos. Uma pequena oferta feita de inutilidade, beleza, estranheza e promessa de um outro momento em que a vida fosse outra, mais luminosa e perfeita. Assim como os cometas que andam no Espaço, penedos e nuvens de gás, se tivessem consciência poderiam dizer de nós – Aqueles lembram alguma coisa que pensa. Que beleza dever ser ser-se homem.

Teresa Ramos falou, por fim, da sobrevivência de um traço humano, da necessidade de deixar um nome sobre a paisagem, da necessidade de deixar dito que, no decurso da História, por aqui passaram duas mulheres, estavam vivas no ano de 2015, e esta forma, concha ou relicário, é a sua assinatura. Flores imobilizadas, objectos vegetais vitrificados, sob o efeito do calor que os transformou em pó. Poeiras brancas, terras brancas, oferendas ao tempo para que se detenha e reconheça que em determinada data, pequenos objectos brancos criavam paisagens feéricas que se levantavam das mesas onde tinham sido postos, para fazerem viagens interestelares, executando a sua música própria, em direcção às esferas. Então, mesmo que eu não quisesse, o antigo conceito de Carl Sagan surgiu, para dizer que tudo isto tinha um sentido, vinha de longe e ia para longe, e entretanto, houvesse o que houvesse, os vinte dedos humanos de duas mulheres em sintonia faziam-no luminoso.

Lídia Jorge
23 de Abril, 2015